



Coleção

Terras de Quilombos

Minas Gerais

Comunidade Quilombola São Domingos

TAMBOR ARVINDA
 COLÔNIA SÃO MIGUEL
 ALTO ALEGRE
 MATA DO SAPE
 MONGE BELO
 MANGAL BARRO VERMELHO
 SANTA INHAYA DOS PINHEIROS
 MARAPÉ JOANA
 JOÃO SURÁ
 SANTA LUZIA
 MORRO ALTO
 JATOBÁ CAPOEIRA
 RIACHO DA SACUTIABA
 TININGU MARQUES
 DESTERRO JATOBÁ
 SANTA JOANA
 ARACÁ
 MATÃO TABOÍ
 ROSA
 TIMBO
 QUADRA
 SANTA JOANA
 FURNAS DO INDIOINHO
 MACHADINHO SACOPÁ
 SALAMINA PUTOMUJO
 VOLTA DO CAMPO GRANDE
 BOM JARDIM
 JUDIAS TABOÍ
 SÃO FRANCISCO MALAQUIAS
 JAMARY DOS PRETOS
 BARRA DO PARATECA
 SANTA ROSA DOS PRETOS
 CALVÃO
 AREIA DA BANDEIRA
 BARRA DOS NEGROS
 NOVA BATALANINA
 CAPÃO DAS CAMELAS
 DANDA
 PORTO DO CAMPO
 SÃO NORSE
 IZAA DE SÃO VICENTE
 NOVO HORIZONTE
 PANEMA
 NEGROS TIMBAUBA
 FAMILIA MAGALHÃES
 ARAPEMA PALMAS
 MORRO SECO
 SÃO JOSÉ DA SERRA
 SERRA DOS CRUZELOS
 ALIANÇA
 FURNAS DA BOA SORTE
 FAMILIA MAGALHÃES
 ARAPEMA PALMAS
 CONCEIÇÃO DO MACACUARI
 CHARCO MEL DA FERREIRA
 CAMPINA DA PEDRA
 SÃO JUDAS
 CARACÁ
 CARLIACA
 PIRANGÁ
 CASCA
 CONTEZOMBAS
 PORTO VELHO
 PONTAL DA BARRA
 MARAMBAIA
 LAGOA DAS PIRANIAS
 TOJO
 PRADEINHA
 SARACURÁ
 FORTE SERRARIA
 SÃO PEDRO
 IVAPORUNDUBVA
 DVO JESUS
 TABACARIA CRILLO
 LIMPOEIRO
 BARRA DO ANDEIRA
 SÃO BENEDITO
 SÃO MIGUEL AGRESTE
 PEDRA Y ÁGUA
 SÃO TORQUEL
 SÃO VICTOR
 CARAUBAS
 SACUTIABA
 SANTA MARIA
 ÁGUA MORNA
 ASCANTARA
 POU Y AUCO
 SÍTIO AUBOUR
 BROTAS TLJAUCA
 LAGOA SANTA
 LAGOA DAS PEDRAS
 LAGOA DO PEIXE
 EUBOURA
 FAZENDA NOVA
 CAVEIRA BOTAFOGO
 SÃO DOMINGOS
 MANOEL BARBOSA
 MORRO REDONDO
 FAMILIA CARDOZO
 ARVORE VERDE
 PEDRAS NEGRAS
 TOMÁS CARDOSO
 PEDRA DO SAL
 MONTE ALEGRE
 FAMILIA SILVA
 FAMILIA THIMAZ
 LUIZ COBARANHA
 SÍTIO PAVALDÃO
 CAMPO VERDE
 ARRESTO PESNA
 REITOR MARIODI DOS TEIXEIRAS
 CONCEIÇÃO DO MACACUARI
 CHARCO MEL DA FERREIRA
 CAMPINA DA PEDRA
 SÃO JUDAS
 CARACÁ
 CARLIACA
 PIRANGÁ
 CASCA
 CONTEZOMBAS
 PORTO VELHO
 PONTAL DA BARRA
 MARAMBAIA
 LAGOA DAS PIRANIAS
 TOJO
 PRADEINHA
 SARACURÁ
 FORTE SERRARIA
 SÃO PEDRO
 IVAPORUNDUBVA
 DVO JESUS
 TABACARIA CRILLO
 LIMPOEIRO
 BARRA DO ANDEIRA
 SÃO BENEDITO
 SÃO MIGUEL AGRESTE
 PEDRA Y ÁGUA
 SÃO TORQUEL
 SÃO VICTOR
 CARAUBAS
 SACUTIABA
 SANTA MARIA
 ÁGUA MORNA
 ASCANTARA
 POU Y AUCO
 SÍTIO AUBOUR
 BROTAS TLJAUCA
 LAGOA SANTA
 LAGOA DAS PEDRAS
 LAGOA DO PEIXE
 EUBOURA
 FAMILIA ARAUJO RIBEIRO
 IPIRANGA DE CARMINA
 LAGOA GRANDE
 COLZEIRINHO
 CAMBURI
 SANTO ANTONIO
 ACUATÁ
 MACAMBARRA
 MORMACA
 LUTENSES
 BURUÍ
 MANDIRA
 SANTANA
 SABONETE
 GACO PARI
 MUMUDUCA
 TUBERRIAS
 CAFUNDO
 PENITIDO
 CACAU
 QUEIMADOS
 LUIZES
 CARBAL PATOS
 SÃO PEDRO GLEBA
 SÃO PEDRO
 COMUNIDADE UBRAMA DE SERRA DO TALHADO
 MATOES DOS MOREIRAS
 RECANTO DOS EVANGELICOS
 SÃO DOMINGOS
 CONGRESSO DE UBRANAS
 KALUNGO DO MIMOSO
 INVERNADA PAIOL DE TELHA
 SÍTIO VERGA
 PIQUI
 RINCAO DOS MARTINIANDOS
 AROEIRAS
 PEDRAS
 SENHOR DO BONFIM
 ENEBRUDO MUNDO NOVO
 BOA VISTA DOS NEGROS
 RINCAO DOS NEGROS
 NOSSA SENHORA DAS CRUZELOS
 CONGRESSO DE UBRANAS
 FAMILIA ARAUJO RIBEIRO
 IPIRANGA DE CARMINA
 LAGOA GRANDE
 COLZEIRINHO
 CAMBURI
 SANTO ANTONIO
 ACUATÁ
 MACAMBARRA
 MORMACA
 LUTENSES
 BURUÍ
 MANDIRA
 SANTANA
 SABONETE
 GACO PARI
 MUMUDUCA
 TUBERRIAS
 CAFUNDO
 PENITIDO
 CACAU
 QUEIMADOS
 LUIZES
 CARBAL PATOS
 SÃO PEDRO GLEBA
 SÃO PEDRO
 COMUNIDADE UBRAMA DE SERRA DO TALHADO
 MATOES DOS MOREIRAS
 RECANTO DOS EVANGELICOS
 SÃO DOMINGOS
 CONGRESSO DE UBRANAS
 KALUNGO DO MIMOSO
 INVERNADA PAIOL DE TELHA
 SÍTIO VERGA
 PIQUI
 RINCAO DOS MARTINIANDOS
 AROEIRAS
 PEDRAS
 SENHOR DO BONFIM
 ENEBRUDO MUNDO NOVO
 BOA VISTA DOS NEGROS
 RINCAO DOS NEGROS
 NOSSA SENHORA DAS CRUZELOS
 CONGRESSO DE UBRANAS
 FAMILIA ARAUJO RIBEIRO
 IPIRANGA DE CARMINA
 LAGOA GRANDE
 COLZEIRINHO
 CAMBURI
 SANTO ANTONIO
 ACUATÁ
 MACAMBARRA
 MORMACA
 LUTENSES
 BURUÍ
 MANDIRA
 SANTANA
 SABONETE
 GACO PARI
 MUMUDUCA
 TUBERRIAS
 CAFUNDO
 PENITIDO
 CACAU
 QUEIMADOS
 LUIZES
 CHACARA BARRETO
 INVERNADA DOS NEGROS
 OLHOS D'ÁGUA DO BASILIO
 CONCEIÇÃO DAS CRUZELOS
 CHACARA DO BURITI
 LAGOA DOS NEGROS
 AMAROS DE PARACATU
 SÃO RAIMUNDO DO PIRATIVA
 MATA CAVALO
 SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU
 DESIDERIO FELIPE DE OLIVEIRA
 BREGIO DOS CRUZELOS
 LAGOA DOS CAMPINHOS
 LAGOA DO RAMO
 SÃO RAIMUNDO DO PIRATIVA
 MATA CAVALO
 SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU
 ALTO DA SERRA
 SANTO ANTONIO
 BREGIO DOS CRUZELOS
 LAGOA DOS CAMPINHOS
 RIACHO DOS NEGROS

As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola São Domingos

O Quilombo de São Domingos está localizado na região noroeste de Minas Gerais. Com aproximadamente 665 hectares, o povoado fica a apenas dois quilômetros da cidade de Paracatu, na encosta do Morro do Ouro. Desde 1987 o Morro é explorado industrialmente. É hoje a maior mina em área de extração de ouro no Brasil e seu volume correspondente a 15% da produção nacional. A vizinhança da mineração compromete a segurança ambiental do quilombo. São Domingos vive ao lado de uma barragem com superfície de 2.000 hectares que em 2008 armazenava 1 bilhão de toneladas de rejeitos.

Naquele ano a comunidade era formada por mais de 500 quilombolas, que compunham cerca de 50 famílias. A maior parte da comunidade está ligada a três troncos familiares: Ferreira, Lopes e Pinheiros. Com o tempo, muitos descendentes migraram para outras cidades, como Belo



Horizonte, Goiânia, São Paulo e Brasília. O povoado de São Domingos é atualmente formado por 79 casas de alvenaria e duas casas antigas de adobe. A comunidade ainda guarda características rurais e um modo de vida camponês, mas a proximidade da cidade de Paracatu tornou o povoado semiurbano. É cortado por uma estrada asfaltada, tem luz elétrica e é servido por uma linha de ônibus.

Para os moradores, o nome do povoado homenageia o seu santo padroeiro. São Domingos é celebrado anualmente pelos quilombolas, que também festejam a Caretada e a Folia de Reis. Suas festas são acompanhadas pelos habitantes de Paracatu. A cidade também se lembra do quilombo como tendo sido o seu “celeiro”, porque no passado era ele que lhe abastecia de gêneros alimentícios. O quilombo vendia frutas, verduras, artesanato e muitos doces, razão pela qual era também chamado de “buraco doce”. A reputação vem de uma época em que a comunidade cultivava a terra em parcelas de uso comum. Também marca a sua tradição o fato de manterem fortes relações de parentesco. A mais importante singularidade do quilombo, porém, é a sua longa e dramática história com a mineração.

A relação da comunidade com a mineração vem desde o tempo da escravidão. Esse passado está bem gravado na paisagem e na memória coletiva. O trabalho forçado que os negros de São Domingos realizaram incluiu a construção de um sistema de canais, valas e reservatórios abertos nas pedras de morros da região, como no Morro do Ouro e no Morro do Pina. Quando os colonizadores abandonaram a mineração, as famílias de escravizados e alforriados permaneceram no arraial e passaram a realizar o garimpo de modo artesanal. Graças a ele e à produção agrícola, os quilombolas conquistaram a sua autonomia. O garimpo foi mantido pelo grupo até a década de 1980, quando foi proibido extrair



Dona Tereza até hoje vende em sua cesta frutas na cidade. Fonte: Janaina Sousa.

ouro na região. Nessa mesma década, chegaram as grandes empresas e a extração de minérios passou a ser feita de modo industrial. O impacto dessa nova mineração comprometeu a vida do Quilombo de São Domingos de um modo nunca visto antes: houve severa contaminação das águas, poluição sonora e do ar, destruição de nascentes e perda de terras tradicionais.

Origem do nome, festejos, saberes e modos de viver

A devoção da comunidade a São Domingos tem uma história particular. Vem do pagamento de uma promessa que fizeram ao santo para que os curasse de uma doença contagiosa. Depois de curados, adotaram São Domingos como o padroeiro. A moradora Carmem Lopes fala sobre esse momento:

Surgiu uma doença aqui, acho que era bexiga, uma que é tipo catapora, mas só que dava uma bolha bem grande. Então, como não tinha acesso a médico, morreram muitas pessoas. [...] Eles fizeram um voto para que São Domingos acabasse com a doença. Eles traziam a imagem pra cá, e aí aqui ficou com o nome de São Domingos. Acabou, não teve mais a doença. [Porque] eles trouxeram a imagem..

Desde o tempo dos bandeirantes, o arraial possui uma igreja consagrada ao santo. A primeira igreja de São Domingos foi construída pelos escravizados no século 18. Os quilombolas a substituíram por uma mais nova, quando corria risco de desabar. Possuía outros santos, além de São Domingos, todos de madeira: N. Sra. da Piedade, N. Sra. do Rosário, N. Sra. de Santana. As imagens se perderam e a de São Domingos foi substituída por outra.

A comunidade guarda a lembrança de danças e festejos realizados por seus ancestrais, que também legaram ciências da lida com a terra. Os moradores ainda se lembram de duas danças ensinadas pelos antigos: a *imbigada* e o *batuque*. Na imbigada os dançarinos formavam uma roda e trombavam as suas barrigas. No batuque, as mulheres dançavam



A igreja de São Domingos, antiga e atual.
O cruzeiro foi mantido. Fonte: Relatório Antropológico

Imagem do santo padroeiro.
Foto: Lavoisier Albernaz

com uma garrafa de cachaça na cabeça ao som da batucada, sem deixar a garrafa cair. Há também a lembrança de casos de assombração, incluindo a do lobisomem e a do Pepé – um tipo de demônio de um pé só que atacava as pessoas. Para se proteger do Pepé, punham um pilão na porta de casa, assentado em forma de cruz.

A Folia de Reis, a Caretagem e a Festa de São Domingos são as celebrações mais importantes. Antigamente, a Folia de Reis começava em 24 de dezembro e se estendia até 25 de janeiro. Os moradores de São Domingos percorriam com alegria cidades e comunidades próximas, incluindo as comunidades quilombolas dos Amaros e de Machadinho, que também ficam em torno do Morro do Ouro. Os participantes representavam os Reis Magos e iam de casa em casa para *esmolar*. Recebiam pequenas quantias de dinheiro e também ganhavam café. Tocando instrumentos musicais, cantavam a história do nascimento de Cristo. Quando a casa os recebia, cantavam:

Aqui está a Santa Bandeira
Que vos veio visitar.
Veio pedindo a vossa esmola
Pra seu dia festejar
Amigo dono da casa,
Licença quero pedir
Para pedir a vossa esmola
Pros Três Reis que estão aqui.
Entra, entra, Santa Bandeira,
Por essa sagrada bento
Vem pedir a vossa esmola
À senhora lá de dentro.



Cruzeiro com adereços da folia, próximo à última casa visitada pela Caretagem. Ao fundo, o Morro do Pina.

Fonte: Relatório Antropológico



Sr. Geraldo Lopes, guia da Caretagem e da Folia de Reis. Tem sido responsável por assegurar as festas locais. Fonte: Janaina Sousa.

Seu Aureliano, morador que em 2008 tinha 95 anos, conta como era antigamente:

Tinha Festa dos Santos Reis, tinha Festa do São Domingos, que é o padroeiro do lugar, mas a festa mais animada é de Santos Reis, Folia de Reis. Saía no 25 de dezembro e chegava no 25 de janeiro, andava tudo aqui a pé. Vinha aqui perto dessa barragem ali e descia.

Na Caretagem, 24 homens se vestiam com máscaras e roupas coloridas. Dançavam durante toda a noite, percorrendo as casas do povoado. O festejo era uma homenagem a São João. A dança começava na noite de 23 de junho e acabava na hora do almoço de 24 de junho, dia do santo. Os versos cantados durante o festejo diziam:

São João batizou Cristo
E Cristo batizou São João
Onde foram batizados
Lá no Rio de Jordão.

A festa em homenagem a São Domingos acontece em 5 de agosto, quando uma procissão sai com a sua imagem. O festejo é organizado pelos *donos da festa*, com o auxílio dos *juízes*. O dono da festa ergue a bandeira na porta de sua casa e prepara uma mesa com bebidas e comidas. Os juízes participam da arrecadação de dinheiro para auxiliar o dono da festa. “Quem é o dono da festa coloca a bandeira, que é a pessoa que vai cuidar da festa”, explica o Sr. Aureliano. “Mas hoje está mais difícil e ninguém dá conta de fazer a festa sozinho. Então tem os juízes. Eles têm obrigação de dar para você um pouco de dinheiro, mas você ainda é responsável pela festa, assim é a forma que funciona hoje.”



Senhora Julia Noronha (91 anos festeira de Santo Antônio, a festa que segue a tradição e que conta com suas rezas e levantamento da bandeira - Mastro). Fonte: Janaina Sousa.



Sr. Aureliano, em 2008
Fonte: Relatório Antropológico

Aqui todo mundo é parente: vivência e produção em comum

Os membros das famílias Lopes, Ferreira e Pinheiros casaram-se entre si e com o tempo formaram a grande comunidade de São Domingos, em que, como costumam dizer, “todo mundo é parente”. De acordo com o quilombola Robson Ferreira, antigamente não havia nenhuma pessoa em São Domingos que não fosse parente. O “povo de São Domingos”, como os quilombolas eram conhecidos, preferia viver de modo reservado, sem maior contato com estranhos. Hoje a comunidade é mais aberta; a relação com a cidade e com pessoas de fora é frequente.

É comum em São Domingos duas ou mais famílias compartilharem uma propriedade. Para definir o local em que cada família vai morar, eles fazem apenas acordos verbais, sem a necessidade de contratos formais. Quintais são compartilhados, mantendo-se uma relação de solidariedade na divisão do trabalho entre as famílias.

O sentimento de vida comunitária foi se firmando na vivência na terra: no plantio em comum, na produção de açafrão, de farinha de mandioca e na fabricação de doces, como a rapadura, doce de leite com coco-indaiá, doce de figo, de laranja, de limão e de mamão. Antigamente, a caça e a pesca eram realizadas com frequência na comunidade. A coleta do coco-indaiá também era comum, tendo sido inclusive uma fonte de renda para algumas famílias. Nesse tempo, a comunidade comprava poucos artigos de consumo. A liderança quilombola Cristina Coutrim lembra: “A gente comprava pouco na cidade, quase tudo produzia aqui. Engordava porco, criava galinha, plantava roça, tinha quase de tudo”.

Para vender os produtos na cidade, carregavam os produtos na cabeça em tabuleiros ou em cestos. Cristina Coutrim relata: “Com cesto



Quintal de Dona Júlia

Fonte: Relatório Antropológico



Hortalças produzidas no quintal de Romilda

Fonte: Relatório Antropológico

na cabeça levando tudinho a pé. Milho, goiaba, feijão, tudo levava na cabeça, de pé”. Carmem Lopes complementa:

Plantava mandioca, chegava na época de vender levava pra cidade no tabuleiro, na cabeça. A gente subia esse morro, levava essa mandioca para vender na cidade, era coisa difícil. Chegava na cidade com o pescoço doendo de tanto carregar carga – 25 quilos de mandioca dentro de um tabuleiro. Subia esse morro para vender na cidade. Um dia levava banana, outro levava o cará, no outro doce de coco, no outro mandioca. Tudo correndo atrás para ganhar o pão de cada dia.

Dona Luiza, moradora de São Domingos, lembra com saudades o tempo em que vendiam chapéu de palha, feito de buriti e de babaçu.

Antigamente a maior parte das terras pertencia a Firmino Lopes dos Reis. Firmino é lembrado com carinho e respeito. Ainda que fosse o mais rico do povoado – era dono do Morro do Pineco e da maior parte das terras de lá; vendia produtos agrícolas, tinha gado e extraía ouro em bateias –, era honesto e generoso. Suas terras podiam ser cultivadas por todos do quilombo.

A deferência inclui relatos curiosos. Dizem que enterrava ouro e dinheiro e que dormia sobre o fogão de lenha. Até foi visto em aparição. O quilombola Nicolau relata:

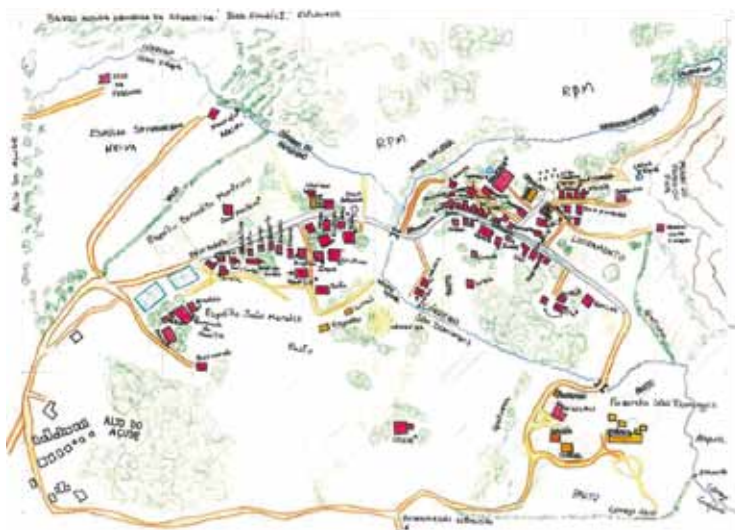
Um dia eu estava plantando roça no Pina e, ao turvar, uma sombra passou ao meu lado. Eu virei e a sombra desapareceu. A sombra era do cunhado Firmino, que já tinha morrido. Ele dizia que na terra achou, na terra deixava. Ele enterrou 25 garrafões de ouro naquele lugar.

Depois que Firmino morreu, a herança da terra não passou para seus filhos, porque eram considerados incapazes. As terras ficaram aos cuidados de um genro de Firmino, que mais tarde as passou para um sobrinho, Nicolau, que ainda possui parte delas. Nesse percurso, alguns terrenos foram vendidos para pessoas de fora e também houve outras perdas: desde ocupações por moradores de um bairro vizinho até um loteamento com cerca de 150 lotes.



Dona Luiza com o chapéu de palha

Fonte: Relatório Antropológico



Croqui do território da comunidade São Domingos

Fonte: Relatório Antropológico

Na história das perdas, algumas áreas foram vendidas por valores irrisórios – dizem até por um par de sapatos –, além de os quilombolas terem sofrido invasões e grilagem de terras, chamadas por eles de *rolos*. O território tradicional era maior do que o pleiteado hoje pela comunidade e incluía tanto áreas do bairro vizinho como trechos que foram vendidos para uma mineradora.

São Domingos e a mineração

A história de São Domingos é entrelaçada à história da mineração em Paracatu. No entanto, a história oficial relaciona São Domingos apenas à mineração feita por senhores escravocratas. Nessa narrativa, os colonizadores aparecem como heróis “desbravadores do sertão”, enquanto os negros são tratados como coadjuvantes: mera mão de obra. Sua presença na história da região está restrita à importância do trabalho escravo no tempo nomeado de “auge da mineração”: a primeira metade do século 18.

Por volta de 1733, o bandeirante Felisberto Caldeira Brant achou ouro de aluvião às margens do córrego que ele batizou de Córrego Rico, devido à grande quantidade de ouro encontrado. Nomeou a região de *Arrayal de São Luiz de Sant’Ana das Minas do Paracatu*.

O primeiro bandeirante a se estabelecer na região do atual quilombo foi José Rodrigo Frões. Vindo da Bahia, encontrou ouro no córrego que batizou de São Domingos. Também achou ouro em um pequeno morro que deu o nome de Morro do Ouro. Também era conhecido como Cruz das Minas. Na história oficial da mineração, São Domingos é associado a José Rodrigo Frões e à exploração colonial do ouro. Em contraste, na memória do grupo, o nome do lugar está associado ao milagre da cura e à força da devoção ao padroeiro, São Domingos.

Após a notícia da descoberta de ouro, outros bandeirantes correram para a região de Paracatu levando consigo muitos escravizados, pois lá o ouro era (e é) extraído das rochas. Naquele tempo, a mineração demandava mão de obra volumosa, pois as encostas eram perfuradas manualmente. Os escravizados fizeram esse trabalho e abriram canais nos morros – como no Morro do Pina, que fica aos fundos do povoado – cortando as pedras e canalizando a água da chuva para lavar o ouro. Como reflexo da intensidade desse trabalho forçado, no auge da mineração colonial 85% da população de Paracatu era de escravizados.

O poema “Morro do Ouro”, de Carmen Brochado Costa, registra o drama da exploração do ouro pelo trabalho forçado realizado pelos escravizados:

[...]
Cascalho mudo
Que vens rolando
De hora em hora,
Pelas encostas, pelos barrancos,



O Córrego de São Domingos é formado pelo encontro do Córrego do Engenho com o Córrego da Cachoeira. Além desses, o povoado é banhado pelos córregos Confisco e Rapadura.

Muitos são afetados pela mineração. Fonte: Relatório Antropológico



O Morro do Pina guarda as marcas do trabalho dos escravizados, que abriram canais na pedra. Fonte: Relatório Antropológico

És bem irmão	E o morro parado
Dos meus irmãos de outrora.	Começa a tremer
Negras esfinges	As mudas estátuas
Mudas figuras	Põem-se a cantar
Impulsionadas pelo morro afora	E as pedras escuras
O olhar parado	Saindo a correr
Os pés pesados	Vão limpando os caminhos
Pisando o ouro, que vai passando	Para ela passar.
Sempre fugindo, sempre fugindo.	A chuva doirada
Acorrentados	Caindo no morro
Vão eles dançando	Acordes estranhos
A negra dança da escravidão	Começam a formar
Cai um aqui	E o eco responde
Cai outro ali	Ao solo do vento
Sobre a imobilidade fria do chão,	É “santa” Isabel que está a chegar!...

No final do século 18 a extração de ouro em Paracatu esgotou e os exploradores abandonaram a região. Oficialmente, o período é caracterizado como sendo de “decadência” econômica. Para os quilombolas, contudo, esse é o seu “alvorecer”. **Do ponto de vista da história do território quilombola, esse é o momento em que os ex-escravizados instituem a sua posse, consolidam a sua autonomia e estabelecem uma dinâmica própria de viver no território.**

A narrativa dos quilombolas relaciona a ocupação do arraial ao declínio da mineração escravocrata, como explica Cristina Coutrim:

José Rodrigo Frões veio à procura de ouro. Quando chegou aqui, encontraram muito ouro. No tempo tinha o Morro do Ouro, minerado pelos escravos. Vieram e trouxeram muitos escravos para tirar o ouro, que levaram para Portugal. Era pesado, fazia escavação mesmo na rocha no alto. Fazia os tanques para poder levar água para garimpar. Então chegou outro bandeirante pro lado de Santana. Aí eles descobriram o Córrego Rico, onde tinha muito ouro também e era mais fácil a mineração porque não tinha rocha. Então eles foram pra lá. Aí eles mudaram pra lá e aqui ficou, este local aqui. Então, passado um tempo – não sei a data mais ou menos quando foi, deve ter sido depois da abolição dos escravos – que veio algum que conhecia aqui e veio pra cá, pra habitar aqui no local. Eu me lembro dos mais velhos falarem que foram três famílias que vieram pra cá...

A partir daí, a comunidade foi crescendo e estabeleceu uma relação particular com a cidade de Paracatu: abastecendo-a com a venda de alimentos, celebrando suas festas religiosas e, ainda, prosseguindo com seu tradicional trabalho de garimpo.

O garimpo de bateia foi um ofício tradicional da comunidade até há algumas décadas, quando o garimpo artesanal foi proibido. A extração com bateia era feita nos leitos dos rios, nas chamadas praias. Além da bateia (uma espécie de bacia ou prato grande), usavam a *bica* e o *caixote*. O Sr. Ferreira explica:

Pegava na bateia, punha na perna e rapava com a enxada. Depois veio caixotinho, que era tipo aquela bica que está em pé ali. Ela era fechada aqui, aqui era o lugar que punha o ralo que ia lavando e jogando fora. A outra bica punha embaixo, onde já caía o ouro. Aí no esmeril tudo caía e ficava purinho aqui dentro. Hoje já chama bica. A bica foi usada depois do caixotinho. Cada tempo foi inventando uma coisa. O caixotinho também usava a bica embaixo, tinha um pano que chamava saco de linhagem antigamente. Era de colocar na bica, forrar, aí cai, e o material ruim cai e o bom fica pregado ali.

Até os anos 1980 faziam tanto o garimpo de bateia como o garimpo manual. O garimpo manual não rendia muito, porque na região o ouro se deposita no cascalho. Há dois tipos de cascalho: tapiocanga e casco de cágado. O tapiocanga tem teor de ouro mais alto e é encontrado em maior quantidade na área da Cachoeira.

A quilombola Carmem Lopes fala da tristeza que sentiram quando o garimpo foi proibido:

Teve uma vez que cheguei a chorar que o meu irmão (Joaquim) não tinha outra profissão, a profissão dele é essa, o ganha-pão dele. Teve uma vez que eles chegaram e tomaram os trem dele tudo. Eu vou te dizer uma coisa: eu fiquei tão triste com isso. Porque a pessoa não tem outra profissão, é aquilo que aprendeu, e outra pessoa chegar e tomar?

Logo depois da proibição do garimpo chegaram a Paracatu empresas mineradoras cuja operação entrou em conflito com o modo de vida dos quilombolas da região.



Dona Carmem Lopes, falecida.

Fonte: Janaina Sousa.

São Domingos, bem como o quilombo de Machadinho e o de Amaros, viu seu modo de viver e de cuidar da terra confrontado pela grande mineração. A comunidade passou a sofrer interferências diretas e indiretas da atividade mineradora, com consequências variadas. A redução do território os obrigou a buscar alternativas de trabalho. A escassez de terras interferiu também na dinâmica das famílias, que começaram a depender da moradia nas terras dos pais. A redução de terras também prejudicou a caça e a pesca, que, antigamente, eram comuns na comunidade.

A poluição dos rios e córregos é um problema seríssimo. Diz Cristina Coutrim:

A gente tinha muita água aqui, água boa, não era poluída, a gente usava pote. Depois já foi ficando poluída a água, veio a mineradora. A água que era melhor, a água da cachoeira já diminuiu. Teve a necessidade de criar um poço artesiano. A gente fundou a associação para fazer um projeto de um poço artesiano, para a gente ter água.

Os moradores de São Domingos também sofreram em razão de sua relação afetiva com a terra. A ligação com o território vem desde seus ancestrais. O vínculo comum com a terra – o seu cultivo e o usufruto de tudo que ela lhes oferece – informa o modo como os quilombolas se relacionam entre si. Mesmo depois que a mineradora tomou posse da área da cachoeira, um lugar importante para o grupo, continuaram a usá-la, até que foram proibidos. “Antes era normal entrar na área da cachoeira, agora eles não deixam”, queixa-se Elaine:

Antes a gente ia tomar banho nos poços, colher pequi, frutas do mato, lenha e usava o córrego. Dizem que é reflorestamento, canalizando a água. Atrás do cemitério até a cachoeira não deixam mais entrar. Entrando com caminhão, trator, caminhão betoneira. Estão trabalhando até 19h30 mais ou menos. Isso a partir de agosto. A construção no começo de setembro. Deve ser uma construção, porque é concreto. Catar lenha, o menino entrou para tirar lenha e não deixaram tirar a lenha.

A cachoeira, lugar importante para o povo de São Domingos, está seca e proibida de ser desfrutada.

Fonte: Relatório Antropológico



Luta por seus direitos

Com a redução do território, os moradores de São Domingos tiveram que buscar saídas para os problemas que surgiram, em especial para continuar a cultivar a terra, seja para a subsistência, seja para a venda que faziam em Paracatu. Com a falta de espaço e com a concorrência de produtos na cidade, a maioria não pôde mais contar com a renda da agricultura. Sendo assim, muitos passaram a trabalhar na cidade de Paracatu e alguns migraram para outras cidades.

A luta dos quilombolas de São Domingos pelos seus direitos já dura décadas, mas se fortaleceu depois que formaram a sua associação. A primeira experiência associativista foi a Associação Comunitária para o Desenvolvimento de São Domingos, fundada na década de 1980. Foi responsável por reivindicar os direitos de quilombolas e não quilombolas que estavam sendo atingidos pela mineradora. Com o passar dos anos e o agravamento da situação, surgiu a necessidade de fundar uma associação que priorizasse a luta pelos direitos dos quilombolas. Com a assessoria do professor Romeu Sabará, da UFMG, os moradores de São Domingos formaram em 2003 a Associação de Remanescentes de Escravos e Quilombolas de São Domingos do Paracatu para reivindicar seus direitos. Em 2004, receberam da Fundação Palmares o certificado de autorreconhecimento como quilombolas.

Em 2003 o Quilombo de São Domingos ocupava uma área de 254 hectares. Porém, o território tradicional delimitado no RTID mede 665,82 hectares. Os moradores de São Domingos não estavam usufruindo nem metade de suas terras, onde está guardada a sua história de luta e resistência.

Esta narrativa foi escrita por Laura Mattos Vieira com base no Relatório Antropológico Comunidade Remanescente de Quilombos de São Domingos, Paracatu, Minas Gerais, de julho de 2008, elaborado por Bruno Soares Menezes. Informações sobre a mineração provêm do “Banco de Dados Recursos Minerais e Territórios: Impactos Humanos, Socioambientais e Econômicos” do Centro de Tecnologia Mineral (CTEM) – Ministério da Ciência, Tecnologia e Informação”.

Uma palavra da comunidade

São Domingos

Tempos de luta, aguardando tempos de glória! É assim que percebo a realidade de um povo esquecido e lembrado apenas quando a vontade capitalista deseja. Um povo que antes era visto sem importância, sem utilidade para o município que, por vezes, era visto como atraso, ou como “a parte pobre da cidade, mas que é nosso celeiro,” ou mesmo, o “povo do buraco doce”, pois é de lá que vem os melhores doces. Vila, povoado, bairro e finalmente seu verdadeiro nome: Quilombo de São Domingos. Um nome que lhes fora arrancado pelos “senhores da cidade do Príncipe”. Um povo que sempre foi família hoje vive em desarmonia, pois o “poder” e o desejo de desordem chegaram pela boca e pelas mãos daqueles que usavam as mordanças para silenciar os escravos e que hoje usam o ouro, transformado em papel moeda. Em tempos de outrora o Quilombo de São Domingos dormia e acordava aos sons dos pássaros. Hoje, já não dormem, e quando conseguem, acordam ao som das máquinas pesadas da mineradora que retirou não apenas os pássaros, mas tudo o que ela considera que lhe atrapalha: os marcos históricos, as águas, as matas, os morros, o lazer, a saúde, a paz, a vida, os alimentos e todos os recursos de sobrevivência de um povo que sonhava em viver como família.

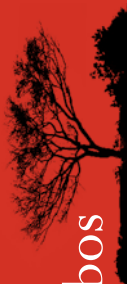
Ah belo oásis foste tu, Quilombo de São Domingos! Onde as crianças brincavam nas ruas, que mesmo sendo de terra, encantavam por saber de suas reais origens! De famílias que unidas festejavam sem temer o “estrangeiro”, pois todos que ali chagassem, eram bem recebidos; dos passeios e piqueniques nas cachoeiras, onde as mulheres lavavam suas roupas e todos se divertiam em águas límpidas! Onde o canto do João-de-barro marcava as horas, pois ali ninguém tinha pressa que o tempo passasse. Hoje a cada dia vejo a destruição das famílias que por não conseguirem seu sustento, precisam se desfazer - os filhos e pais seguindo direções diferentes! Vejo suas raízes cortadas, seus frutos retirados, e no lugar da árvore da vida do Quilombo, vejo rejeitos de venenos nas

águas, no ar e na alma de cada um! A luta de quem tenta preservar sua história e manter o Quilombo unido depara-se com barreiras criadas pelo ouro e pela fome de ter, e dominar. Quem luta pelo Quilombo ou se corrompe, ou morre!

Rasga-me a alma, em ver que os cuidados dos nossos ancestrais estão sendo destruídos pouco a pouco pelo descaso do poder público, e pelo medo dos moradores que vivem em constante opressão! Suas casas de alvenarias, que antes tinham apenas os impactos dos pés de quem dançava as catiras, caretagem e as festas de família, hoje precisam ser reformadas com os recursos de seus próprios moradores, pois as detonações providas da exploração do ouro trocaram a alegria das danças, pelo medo das explosões! Sonhos estão desfeitos. Vidas estão ceifadas. Histórias destruídas! Um povo sem história é um povo que deixa de existir.

Sangra o coração ao ver tantos jovens, que levados pelo desgosto de ver o Quilombo sendo esquecido e enterrado por poeiras e lágrimas, preferem não mais serem vistos como continuadores de uma história que está deixando de ser contada! O meu pai me falou que “ *em terra que não é boa, não há como uma raiz permanecer, pois ela apodrece [...] a terra, filha, somos nós. Se queremos que os jovens dê continuidade, é preciso apresentar a eles uma terra boa, o que muitos não estão fazendo!*” Mudar do quilombo com minha família, deixar meus pais e tudo que construí para não perder minha vida, me fez lembrar das palavras de meu avô: “ *O dinheiro do ouro minha neta, é o dinheiro da morte!*” Não faço dessas palavras um desabafo de desânimo, mas um pedido de socorro, para aqueles que têm a obrigação de nos proteger, proteção esta que está prevista na Lei. Se assim não fizerem, chegará o dia em que livros serão escritos narrando: “A morte do Quilombo de São Domingos, poderíamos ter feito algo, mas não fizemos!”.

Por: Evane Lopes Dias Silva
Quilombola de São Domingos- Paracatu-MG
Defensora de Direitos Humanos
Assessora da ONU Mulheres Brasil



Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Soares Campos e Carlos Eduardo Marques
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Priscila Z. Martins, Danúbia Zanetti
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

V657c Vieira, Laura Mattos
Comunidade quilombola São Domingos / Laura Mattos Vieira. - Belo Horizonte : FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)
Baseado no Relatório antropológico do Quilombo de São Domingos, Minas Gerais, elaborado por Bruno Soares Menezes.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Menezes, Bruno Soares. Relatório antropológico do Quilombo de São Domingos, Minas Gerais. I. Vieira, Laura Mattos. II. Título. III. Série.

CDD:306

CDU:39

MICHEL TEMER
Presidente da República

ELISEU PADILHA
Ministro da Casa Civil

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Especial de Agricultura Familiar
e Desenvolvimento Agrário

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Executivo Adjunto

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA BOVO
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários e
Desenvolvimento Rural - NEAD

WILLY GUSTAVO DE LA PIEDRA MESONES
Coordenador do Núcleo de Estudos
Agrários e Desenvolvimento Rural - NEAD

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura
Fundiária - Incra

ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
Coordenadora Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do
Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e concepções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS
Centro de Estudos
Rurais e de Políticas
Agrárias e de Territórios

CEC - AL

Quilombolas

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL
2014-2018